

## PREFÁCIO

Tradicionalmente entendida como um fracasso, pela incapacidade em evitar a eclosão da Segunda Guerra Mundial, a Sociedade das Nações (SDN) tem recebido nos últimos anos uma nova atenção dos historiadores. A reinterpretação historiográfica da instituição sediada em Genebra pauta-se pela nova perspetivação do seu papel, acções, *modus operandi* e herança, nomeadamente ao nível da pioneira acção transnacional do seu Secretariado ou pela valorização do papel desempenhado pelas pequenas e médias potências.

O livro de Jesús Manuel Bermejo insere-se nesta nova agenda, constituindo um importante estudo sobre o trabalho dos diplomatas portugueses na SDN no período entre guerras. O aprofundar do conhecimento das suas manobras diplomáticas visando destacar Portugal entre as pequenas e médias potências na arena internacional, a evolução da percepção da importância da SDN para o país – motivada pela sua relação com outras potências como a Espanha ou pelos receios que suscita na sociedade portuguesa interessada em manter o império colonial, um objectivo partilhado de integralistas a comunistas e anarquistas –, assim como a análise da evolução do relacionamento da delegação em Genebra com o poder central instituído em Portugal, numa lógica de ruptura e continuidade, assume particular importância sobretudo quando se considera que atravessa três regimes políticos distintos – I República, Ditadura Militar e Estado Novo.

O leitor não especialista facilmente perceberá a importância das hipóteses de investigação exploradas, pela contextualização que o autor lhes confere no panorama mais vasto da política externa de Portugal e das próprias relações internacionais ao abrigo da SDN. O cruzamento de inúmeras fontes oficiais provenientes de arquivos portugueses e estrangeiros com a imprensa da época enriquece a obra, permitindo aferir os posicionamentos da opinião pública portuguesa e o seu (des)interesse na actividade da organização. Paralelamente, a pontual inclusão de correspondência privada confere um carácter mais intimista à narrativa, aproximando-nos das personagens analisadas.

No seguimento de estudos anteriormente desenvolvidos por outros autores, ou mesmo explorando novos campos de análise, este livro destaca a ideia de que o contínuo fracasso em Portugal sobressair no cenário internacional, procurando ser Membro Não Permanente do Conselho Executivo da SDN, foi consequência da instabilidade financeira, social e política interna, o que resultará na obtenção desse lugar nos alvares do Estado Novo – estatuto que, ironicamente, é obtido por um regime receoso da acção da instituição

e num período marcado pelo declínio da mesma. Nesta década de trinta, o livro de Jesús Manuel Bermejo detém-se na análise da posição diplomática de Portugal no contexto da SDN face a importantes conflitos que antecedem a Segunda Guerra Mundial – o conflito do Chaco, a crise ítalo-etíópica e a Guerra Civil Espanhola. O entendimento de uma afirmação internacional do Estado português proporcionada pela SDN enquanto elemento de legitimação interna – uma percepção ocorrida nomeadamente na I República e Ditadura Militar –, assim como a tese de que foram as pequenas nações as mais dedicadas à organização, são outras ideias a destacar – esta última habilmente projectando este estudo para uma esfera de interesse internacional, ao colocar Portugal como um caso de estudo envolto num contexto mais lato.

É no seguimento desta lógica que destacamos a atenção conferida pelo autor às personalidades políticas. O *focus* de análise em personagens como Augusto de Vasconcelos, Afonso Costa ou Armindo Monteiro não invalida o pontuar de diversas referências a novos actores, como intermediários ou intelectuais-cientistas, cuja acção no seio da SDN se encontra por explorar, o que permite ainda a este livro perspectivar novas hipóteses de investigação para estudos futuros. Considerando que este trabalho se baseia na tese de doutoramento de Jesús Manuel Bermejo, já distinguida com o “Premio Extraordinario de Doctorado Curso 2020-2021” (Universidad Nacional a Distancia – UNED), que melhor referência lhe pode ser dirigida do que reconhecer que aprofunda fundamentadamente o tema a que se propõe, abrindo novas pistas de investigação futura.

Quintino Lopes

Instituto de História Contemporânea (Universidade Nova de Lisboa; Universidade de Évora)